



A HORA DA ESCRITORA

Reconhecida curadora literária, Guiomar de Grammont lança romance após hiato de quase uma década

HELDER FERREIRA

Guiomar de Grammont tomou um susto ao encontrar a neta de dez anos compenetrada nas páginas de um livro. Não foi o ato em si que a espantou – uma vez que a menina, já havia alguns anos, adquirira o hábito de devorar todas as obras que conseguisse alcançar nas abarrotadas estantes da biblioteca da casa da avó –, mas a preferência literária da criança, que lia *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe, como se tivesse em mãos *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. Assim como fariam nove entre dez avós, ela confiscou o exemplar do melancólico romance alemão sobre um amor platônico que termina em suicídio; no entanto, ela – que nunca foi grande amiga das convenções, que publicava livros de poesia, fumava charutos e fundou uma universidade quando a sociedade lhe dizia que era de bom tom ficar em casa – decidiu devolver a obra-prima romântica à pequena Guiomar, que anos depois também dedicaria sua vida à literatura.

“Minha avó paterna era meu modelo; uma mulher muito forte, culta e ousada. Por ter o mesmo nome que ela, já sabia que não seria

outra coisa senão escritora”, afirma Guiomar, em conversa por Skype, de sua casa em Ouro Preto, cidade histórica do interior de Minas Gerais. De fala mansa e sonora, subindo o tom na última palavra de cada frase, ela se expressa com a mais característica musicalidade mineira. Os olhos, gentis, fixam-se na câmera no topo da tela em vez de se desviarem para baixo, distraídos por pixels. A impressão é de ser olhado nos olhos, quase como em uma entrevista presencial.

Tendo lançado recentemente o romance *Palavras cruzadas* (Rocco), após quase uma década sem publicar ficção – seu último livro foi *Sudário* (Ateliê Editorial, 2006), uma coletânea de contos –, ela se divide entre as aulas na Universidade Federal de Ouro Preto e a organização do Fórum das Letras de Ouro Preto, evento literário anual que criou em 2005.

“Eu comecei a fazer o Fórum porque queria ser escritora. Já que eu não podia me deslocar até o eixo Rio-São Paulo, porque tinha filhos pequenos, queria trazer a montanha a Maomé, sabe?” A primeira edição do evento teve o limitado orçamento de R\$ 30 mil e ➡

contou com a presença de nomes como Zuenir Ventura, Sérgio Machado e Marina Colasanti – escritora que participaria de diversas edições posteriores.

“Posso dizer que vi o Fórum crescer, mas desde o primeiro ele disse a que vinha e esteve impregnado do dinamismo risonho de Guiomar”, opina Colasanti, vencedora do Prêmio Jabuti de melhor livro infantil de 2014. “Há um clima de amizade, de camaradagem, que o diferencia de encontros similares, o faz mais fraterno. Gosto muito de trabalhar com Guiomar, pois sei que, como curadora, ela me rodeará de pessoas interessantes; que, como empreendedora, estará sempre presente, cuidando para que tudo funcione como previsto. E quando não funcionar – o que também acontece – um jeito será dado, sorrindo.”

Com o tema *Diversidade cultural e liberdade de expressão*, a edição deste ano, além de contar com a presença do escritor John Dinges, autor de *Os anos do Condor* (Companhia das Letras, 2005), marcará a inauguração da Casa Brasileira de Refúgio, a primeira habitação da América do Sul para escritores refugiados. Resultado de uma parceria da UFOP com diversas instituições, o projeto irá abrigar por quatro meses um intelectual que esteja correndo perigo em seu país de origem – o primeiro deles será um escritor africano, de nome ainda não divulgado, que também dará aulas no Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da universidade. Guiomar tenta também articular uma parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais, para que o escritor seja acolhido pela instituição quando o programa acabar.

Acima, com a avó, Guiomar de Grammont Machado, e o avô, Joaquim Machado de Araújo; à direita, aos 16 anos



ACERVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO

VIDA UNIVERSITÁRIA

A vida acadêmica também foi para ela um modo de se manter mais perto da literatura. Apesar de ter ganhado, em 1993, o prêmio *Casa de las Américas* pelo livro de contos *O fruto de vosso ventre* (reeditado em *Sudário*), ela encontrava sérias dificuldades ao tentar ser editada por selos comerciais. “Era muito cruel para um escritor do interior continuar publicando. Por isso, fui quase que empurrada para a academia, onde vislumbrei a possibilidade de continuar lendo e escrevendo sem estar inserida no meio literário.”

Após concluir o mestrado sobre Kierkegaard, pela Universidade Federal de Minas Gerais, ela iniciou o doutorado em Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo. O tema da pesquisa era ambicioso: um estudo sobre a construção histórica do personagem do escultor barroco Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Orientada pelo professor João Adolfo Hansen, ela concluiu a tese que em 2008 resultaria no livro *Aleijadinho e o Aeroplano: o paraíso barroco e a construção do herói colonial* (Record, 2008). Devido ao cunho revisionista, que, entre outras coisas, contestava a autoria de diversas obras creditadas ao artista, o trabalho provocou a ira de pesquisadores e colecionadores de arte.

“Achei a recepção negativa típica do patrimonialismo que regula e domina a assim chamada ‘cultura nacional’”, comenta Hansen. “Era previsível. Muita gente que passa por intelectual não sabe ler e falou que o livro atacava o Aleijadinho. Não é nada disso: o que ele faz é evidenciar os procedimentos históricos – muito materiais, datados, particulares e interessados – de construção da bobagem nacionalista, que é localista, regionalista e bairrista.”

Guiomar também foi coorientada em sua pesquisa pelo historiador Roger Chartier durante o período em que estudou na École de Hautes Etudes en Sciences Sociales de Paris, na França. Ele conta que se interessou pelo projeto devido a seus diversos pontos de contato com seu próprio trabalho sobre a especificidade da criação estética nos tempos barrocos. “*Aleijadinho e o Aeroplano* foi uma ➡➡

EDITORIA
UNICAMP



Byron e Keats Entreversos

AUGUSTO DE CAMPOS

192 páginas | 14 x 21 cm | R\$ 26,00



Poem(a)s E. E. Cummings

AUGUSTO DE CAMPOS

248 páginas | 16 x 23 cm | R\$ 44,00

www.editora.unicamp.br
vendas@editora.unicamp.br

elucidação necessária do mito do escultor construído no século 19 porque mostrou as incertezas das atribuições, a produção das obras em um ateliê, a invenção de uma biografia, a identificação do escultor com o povo e a nação brasileira”, opina o intelectual francês. “A originalidade crítica do trabalho foi a razão de seu rechaço por parte dos herdeiros do mito e de seu sucesso para todos os pesquisadores e leitores que buscam libertar as obras da primeira modernidade das categorias impostas por uma ideologia romântica e pós-romântica do criador singular, do gênio único, do artista emblemático de uma nação inteira.”



A escritora em Ouro Preto, onde vive desde os 14 anos



PALAVRAS CRUZADAS
 GUIOMAR DE GRAMMONT
 Rocco
 R\$29,50 • 240 págs.

MERCADO EDITORIAL

O sucesso do Fórum das Letras tornou Guiomar conhecida no mercado editorial como curadora e organizadora de eventos literários. Além de realizar, em parceria com a escritora portuguesa Inês Pedrosa, duas edições do projeto Letras em Lisboa e assinar a curadoria da parte brasileira do Salão Latinoamericano do Livro Paris, ela foi convidada, em 2011, pelo Ministério da Cultura, a coordenar a área de Literatura, organizando a Feira de Bogotá, que seria realizada em abril de 2012 – quando já havia deixado a instituição. A fama resultou em uma proposta de emprego: em 2012, o convite partiu da editora Record, que a chamou para dirigir a área de ficção nacional, função que exerceu por pouco mais de um ano e meio. Cerca de dez meses após deixar a casa, também foi anunciada como a curadora da programação brasileira no Salão do Livro de Paris, que aconteceu em março de 2015.

A experiência foi importante para redimensionar sua visão sobre o mercado livreiro, porém acabou entrando em conflito com outros interesses, tanto profissionais como pessoais. O principal deles é a literatura; era hora de se dedicar plenamente à sua carreira de escritora. “Foi uma experiência muito rica, interessante e definitiva na minha literatura, mas ficou claro para mim que é muito difícil ter uma dedicação pessoal às minhas obras e às de outros autores também”, pontua.

Durante cinco anos, ela trabalhou na construção de *Palavras cruzadas*, romance que narra a busca da jornalista Sofia pelo irmão Leonardo, guerrilheiro desaparecido nas selvas do Araguaia durante a ditadura militar. Para escrever a narrativa, fez entrevistas e se debruçou sobre livros e documentos históricos a respeito da Guerrilha do Araguaia, conflito armado de extrema esquerda dizimado pelo Exército no início da década de 1970.

O interesse pelo período foi também instigado por um trauma familiar: seu pai, o engenheiro de minas Geraldino Machado de Araújo, morreu quando fazia pesquisas geológicas na mesma região em 1975. Guiomar tinha doze anos de idade. “O corpo dele não desapareceu, mas a morte também ocorreu em circunstâncias misteriosas: assim como no



DIVULGAÇÃO

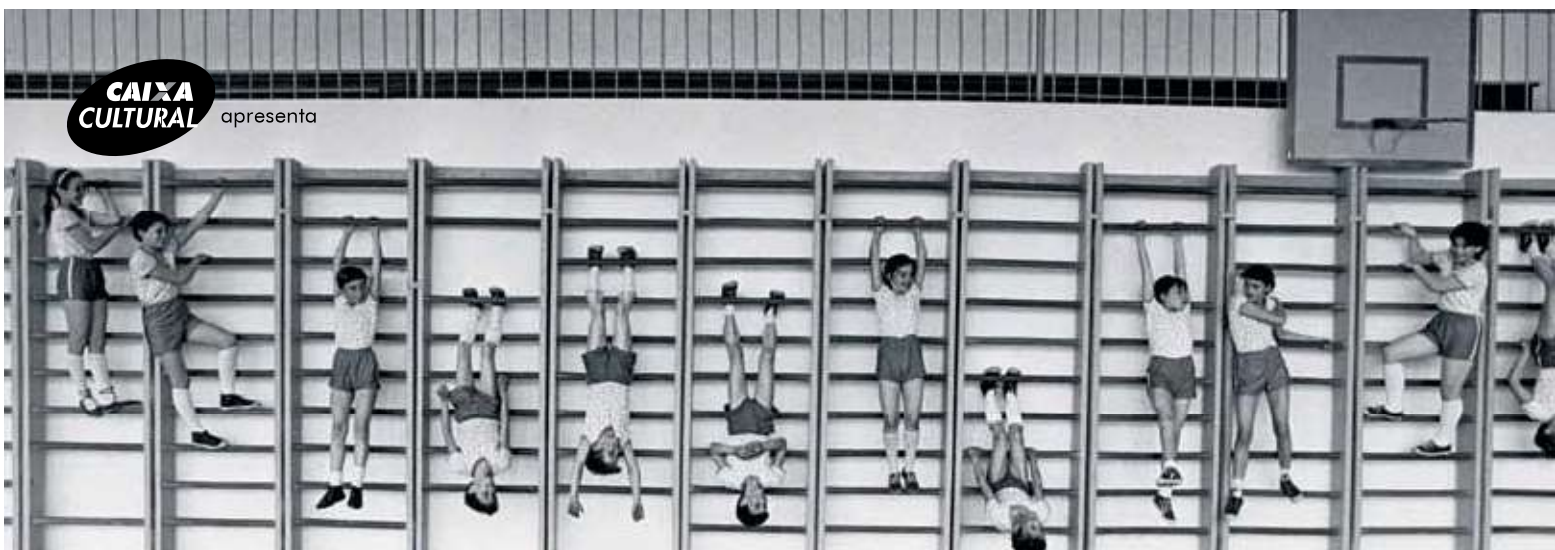
caso do jornalista Vladimir Herzog, que foi assassinado um mês antes, fizeram parecer um suicídio por enforcamento – muito improvável para um pai de seis filhos tão pequenos”, relata ela que, depois da fatalidade, se mudou de Brasília com a mãe e os cinco irmãos para Ouro Preto, onde residia a família materna.

O último romance publicado pela autora até então era *Fuga em espelhos* (Editora Giordano, 2000), que também foi traduzido e publicado na França em 2005. Para Guiomar, o hiato serviu como um período de amadurecimento criativo, de encontro com sua voz. “Cheguei à conclusão de que quero ser uma escritora que possa ser lida por diversos tipos de leitores: os que procuram apenas entretenimento, mas também os que desejam a reflexão.” Ela diz ter se afastado da linguagem experimental para se aproximar mais da construção de seus personagens e a fim de privilegiar, segundo sua própria definição, uma leitura em que

a palavra se desfaça, não se imponha e permita que a narrativa vire “cena”.

Ela credita essa preocupação com o público às experiências como curadora e editora literária. “Esse ideal – meio missionário, meio maluco – de formação de leitores que adotei, essa bandeira que assumi na minha vida, também contribui e influencia minha literatura”, argumenta ela, que, em parceria com a editora Rocco, organizará uma distribuição gratuita de alguns exemplares do romance na estação carioca Central do Brasil durante o lançamento do livro no Rio de Janeiro.

Após experiências nas mais diferentes vertentes do universo literário, Guiomar de Grammont ocupa o cargo que, mesmo antes de ser alfabetizada, sempre foi seu predileto: escritora. É como ela mesma disse a um amigo ao convidá-lo para o lançamento do livro: “Tudo o que eu já fiz até hoje foi para chegar nisso, é só isso que me importa”. ■



CAIXA CULTURAL apresenta

ASSIM VIVÍAMOS...

VLADIMIR LAGRANGE

EXPOSIÇÃO 25.07.15 - 20.09.15

PALESTRA COM O FOTÓGRAFO
25.07.15 - 11h

CAIXA Cultural São Paulo
Terça a domingo, das 9h às 19h
[facebook.com/CaixaCulturalSaoPaulo](https://www.facebook.com/CaixaCulturalSaoPaulo)

ENTRADA FRANCA
Prefira transporte público



produção
ARS et VITA

patrocínio
CAIXA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

“João bobó”, 1979 - © Vladimir Lagrange